



## **Simpósio Temático 2**

### **HISTORIOGRAFIA E ENSINO DA ANTIGUIDADE E DO MEDIEVO**

**Coordenador:**

Prof. Dr. Alexandre G. Carvalho

Local/horário: Auditório II Luizão, 14 às 17 horas

#### **Sessão 1 - 17 de novembro de 2022, quinta-feira**

#### **LITERATURA EGÍPCIA: O CONTO DE SANEHET, AGÊNCIA E IDENTIDADE NO REINO MÉDIO**

**Lucas Santos Ribeiro**

Discente do curso de História – Uesb

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Galvão Carvalho

Por volta de 2040 a 1640 a.C., produziu-se no Egito Antigo, durante o Reino Médio, textos que manifestam desenvolvimento literário significativo, período que ficou conhecido como “clássico” na literatura egípcia. O Conto de Sanehet é exemplo desta literatura, o qual se diferencia de textos de períodos anteriores por abordar temas para além de questões administrativas e burocráticas, sendo de caráter sofisticado, extenso e repleto de códigos e signos com grande capacidade de nos demonstrar assuntos relevantes da sociedade que fora produzido. O Conto de Sanehet enriquece a percepção sobre o Reino Médio de maneira a propiciar reflexões sobre aspectos morais que se desejava naturalizar em um Egito que ainda se reestruturava, decorrente da instabilidade do poder central do Primeiro Período Intermediário (2134 – 2040 a.C.). Sanehet, o protagonista do conto é um agente real responsável pela proteção da rainha Neferu, filha do rei Amenemhet I e esposa do príncipe Senuoshet I (seu irmão), um cidadão comum, fiel ao rei e com uma forte identidade egípcia que influencia sua vida fora do

Egito. A situação que dá início ao conto é a morte do rei Amenemhet I, Sanehet voltava de uma expedição à Líbia junto ao rei co-regente Senuoshet I, quando um mensageiro trouxe a trágica notícia que abalaria o protagonista, levando-o a um surto que o faria fugir para a região da Síria-Palestina, especificamente no Retenu Superior, onde ficaria por vários anos. Nesta comunicação procuraremos mostrar como a trajetória do personagem principal do Conto de Sanehet ilumina as relações políticas, sociais e culturais em meio às transformações da realeza do Reino Médio, no Egito Antigo. Buscaremos analisar como esse personagem presente no texto expressa mentalidades e agências da sociedade no período em que se foca. Partindo das reflexões de Ciro Cardoso, John Baines e Norman Yoffee destacaremos métodos de análise sobre o contexto da produção literária e, especificamente como o personagem Sanehet negociou o seu *status* econômico e social, além de sua identidade no estrangeiro em um dado momento histórico.

**Palavras-Chave** Literatura egípcia – Reino Médio – Egito Antigo

## **A RELAÇÃO SUJEITO E ESPAÇO NA ANTIGUIDADE EGÍPCIA E SUA INFLUÊNCIA NA PERCEPÇÃO RELIGIOSA DO REINO ANTIGO (3200-2423 a.C.)**

**Alan Cristian Freitas Trindade**

Discente do curso de História – Uesb

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Galvão Carvalho

Este projeto tem como objetivo analisar as relações entre sujeito e espaço na antiguidade egípcia, em particular durante a era do Reino Antigo no terceiro milênio (3200 - 2423 a.C.). Ao evidenciar a construção gradual de uma religiosidade que partia de pressupostos naturais e cosmogônicos, se torna possível compreender que a interação do homem com a natureza influía não somente na manutenção de sua subsistência material, mas também fornecia ferramentas para a compreensão de sua própria existência alçada sobre a perspectiva religiosa da realidade concreta. Na medida em que os sujeitos se apropriavam socialmente dos fragmentos que a natureza os oferecia, ilustra-se o panorama das diversas facetas religiosas e organizacionais que compõem o dualístico Egito Antigo e seus habitantes, que construíram uma identidade cultural com base nas suas experiências na imersão da realidade e interação com o espaço que os cercavam. É importante salientar que as narrativas encontradas nos mitos estavam envoltas de intuitividade, de certa forma uma "especulação" da natureza, o que não significa em momento algum que essa especulação fosse algo irresponsável que ignorasse a realidade e fugisse de seus problemas, mas sim um pensamento que antecedia e sucedia a experiência através da tentativa

de torná-la inteligível, explicá-la e ordená-la através da hipótese. De tal forma, a solarização da paisagem e a influência do Nilo em sua cultura e religião serão as hipóteses cervicais para embasar a discussão, com enfoque particular no mito da Enéada de Heliópolis. Logo, a especulação do homem antigo acerca do mundo dos fenômenos naturais se distingue de uma mera especulação ordinária e ociosa justamente pelo fato de que em momento algum se desprende da experiência, estando sempre conectado com a mesma, buscando explicá-la e se integrar a ela. Nesse viés, busca-se preencher lacunas historiográficas, repensando diretamente o papel que os sujeitos cumpriam na natureza dualística e imprevisível, não somente como reféns inertes da mesma, mas sim agentes que estavam em constante movimento e transformação num espaço dotado de sociabilidade, dualidade, identidade, contradição e cultura.

**Palavras-chave:** Egito Antigo, Religião, Natureza

## **A HISTÓRIA ANTIGA NOS LIVROS DIDÁTICOS DO SEXTO ANO: O EUROCENTRISMO E A BNCC**

**Keila dos Santos Carvalho** (Discente de Graduação-Uesb)

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Galvão Carvalho

Os livros didáticos dos anos finais do ensino fundamental que estão embasados na última versão da BNCC, tem reproduzido o caráter eurocêntrico e evolucionista na abordagem da História Antiga. O processo de ensino de História Antiga é iniciado nas sociedades do AOP (Egito e Mesopotâmia), e posteriormente, temos a emergência das sociedades Gregas e Romanas que por fim dariam origem as sociedades europeias. Diante disso, vemos que o ensino dessas civilizações está condicionado as concepções eurocêntricas, com periodizações de sentido político que são encontrados nos documentos textuais. Sendo assim, devemos questionar as intencionalidades presentes nesse tipo de discurso que está estruturalizado desde a escolha das fontes utilizadas no estudo da História Antiga; com pouca disponibilidade de documentos, privilegia o material produzido pela elite e corrobora a visão do “Ocidente” civilizado, no qual reforça a perspectiva de “despotismo Oriental”, o mito das origens numa linha evolucionista e o difusionismo. Estas noções são historicamente construídas e não devem ser apresentadas de forma natural, como aparecem em grande parte nos livros didáticos. Devemos desconstruir o recorte cronológico e a ideia de

origem atribuídos à História do Antigo Oriente Próximo (AOP), paradigma que tende a universalizar e reforçar o ideal de progresso. Ao não tratar as especificidades de cada região, e o longo processo histórico a que está submetido, não se destacas diversidades socioculturais existentes na História Antiga Oriental, por exemplo, que permite um contraste com nossa realidade por meio das permanências e mudanças ao longo do tempo. Portanto, para que o ensino da Antiguidade se perpetue nos currículos escolares da educação básica, é necessário discutir para além do currículo, estratégias didáticas que, aliadas ao livro didático, contribua na formação de indivíduos capazes de desenvolver a alteridade e a empatia histórica. Sendo assim, defendemos um ensino do antigo Oriente que problematize os usos do passado, questionando conceitos pré-estabelecidos através das narrativas históricas construídas após a época moderna e rompendo com as barreiras que persistem entre as discussões acadêmicas e a educação básica.

**Palavras-chaves:** Base Nacional Comum Curricular, História Antiga, Eurocentrismo

## **A GRÉCIA ANTIGA E A HISTÓRIA GLOBAL NO CURRÍCULO DA BNCC DO SEXTO ANO**

**Cindy Alanis Santos Souza**

Discente do curso de História – Uesb

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Galvão Carvalho

Nos livros didáticos é comum que a divisão do estudo da Grécia se dê por períodos, seguindo uma ordem cronológica e espacial, no qual o centro do poder político e econômico progride das ilhas do mar Egeu em direção ao continente, alcançando as demais regiões ocupadas pelos gregos, até o seu estabelecimento nas poleis hegemônicas de Atenas, Esparta e Tebas, respectivamente, e, finalizando no domínio imposto pela Macedônia. A interpretação da Grécia enquanto um caldeirão etnocultural na bacia do Mediterrâneo é desconsiderada em prol da concepção historiográfica na qual os helenos são a “infância da Europa”, sendo os responsáveis por um “milagre”, desenvolvendo a civilização, a filosofia, a erudição, a arte, e ignorando a sua profunda integração com sociedades orientais. Esse modo de entender a Grécia Antiga, definido como Modelo Ariano, por Martin Bernal, serviu para universalizar e reforçar o ideal de progresso, numa perspectiva evolucionista, favorecendo uma narrativa histórica eurocêntrica. Contudo, a historiografia atual sobre o Mundo Antigo tem destacado a integração cultural, as conectividades econômicas e políticas entre as diversas sociedades da antiguidade, em particular, em torno da bacia do Mediterrâneo. Procuraremos analisar as integrações da Grécia Antiga a partir da bacia do Mediterrâneo, pois nessa localidade as sociedades foram tecendo

vínculos sólidos, estabelecendo conexões e redes de trocas cada vez mais sofisticadas. A habilidade EF06HI15 da BNCC 2017, “descrever as dinâmicas de circulação de pessoas, produtos e culturas no Mediterrâneo e seu significado”, traz perspectivas de ensino interessantes, tornando-se fundamental analisar como os livros didáticos aderem às habilidades propostas pela BNCC (2017), traçando possíveis críticas e potencialidades, especialmente relacionadas à perspectiva da História Global.

**Palavras Chaves:** BNCC, Ensino de História Antiga, Grécia Antiga, Integrações.

## **O ESTADO EGÍPCIO E O EUROCENTRISMO NOS LIVROS DE HISTÓRIA DO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

**Isaque Silva Gomes**

Discente do curso de História – Uesb

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Galvão Carvalho

As novas interpretações teóricas sobre o Estado no Egito Antigo vêm reavaliando uma gama de questões eurocêntricas difundidas por egiptólogos que interpretam o Estado egípcio como uma monarquia centralizadora, na qual a figura do faraó controlava o Egito a partir de rígidos princípios de organização e garantia de uma estável eficiência burocrática. As definições a respeito do que significa Estado, referem-se em grande maioria ao conceito de Estado Moderno, surgido na Europa em meados do século XVI, e tal entendimento quando aplicado aos estudos sobre o Egito Antigo resulta em uma série de anacronismos, obscurecendo o dinamismo das relações de poder e reduzindo o Estado faraônico a uma simples formação mantenedora da ordem. A ideia de uma estrutura política do Egito Antigo altamente hierárquica e unificada, que se manteve de forma durável e imutável ao longo de milênios, é equivocada. As novas explicações a respeito da sociedade egípcia evidenciam um Estado que funcionava de maneira descentralizada, com grande dinamismo das relações de poder, em particular, em virtude das alianças com poderes locais e estrangeiros, além das relações de reciprocidade. A historiografia tradicional, que interpretou a sociedade faraônica nos moldes do Estado Moderno, expõe fundamentos pouco críticos em relação às fontes do período e reproduz uma visão da história eurocêntrica e evolucionista. Por isso, é necessário o estabelecimento de uma ótica mais crítica e despoluída dessas perspectivas, abrindo espaço para evidenciar-se o dinamismo político, social e estrutural do Egito Antigo e para o

reconhecimento das especificidades do Estado faraônico. É nesse contexto que procuraremos, junto ao debate teórico, investigar os componentes curriculares da nova BNCC nos livros didáticos do 6º ano do ensino fundamental a fim de levantar problemas e lacunas deste material didático em relação às características do Estado faraônico. Procurar-se-á as potencialidades do ensino de história antiga com as novas teorias sobre o Estado antigo, em especial, com propostas de superação do eurocentrismo metodológico.

**Palavras Chave:** Egito, Estado, Eurocentrismo.

## **DIÁLOGOS ENTRE A ANTIGUIDADE CLÁSSICA E O ENSINO MÉDIO, A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA FOUCAULTIANA.**

**Wellington de Sena Santos**

Discente do curso de História – Uesb

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Galvão Carvalho

O presente trabalho busca refletir sobre a possibilidade de utilização das teorias foucaultianas sobre a sexualidade nos conteúdos de História da Antiguidade, em particular, nos livros didáticos do ensino médio, no âmbito das Habilidades propostas pela Base Nacional Comum Curricular. procurar-se-á apontar as limitações e exclusões que os materiais utilizados em sala de aula apresentam para o uso das teorias foucaultianas. Para isso, serão necessários alguns recortes básicos, explorando-se alguns temas e categorias como a sexualidade, gênero, ética, cidadania, cuidado de si e governo de si, fundamentais na análise do filósofo Michel Foucault da sociedade e cultura greco-romana no seu trabalho sobre a História da Sexualidade. Para tanto, faz-se necessária a articulação interdisciplinar de diferentes saberes de diversas áreas de conhecimento – história, linguística, filosofia, sociologia – como possibilidades de utilização do arcabouço teórico foucaultiano junto às competências e habilidades propostas para o Ensino Médio.

**Palavras-chave:** Ensino Médio; História da Antiguidade; Sexualidade.

**Sessão 2 - 18 de novembro de 2022, sexta-feira**

**A ARCA DE NOÉ: UMA HISTÓRIA DE RESISTÊNCIA**

**Iolanda Almeida Matos**

O dilúvio é uma das tradições mais populares do Antigo Testamento. E desde que George Smith traduziu a Epopeia de Gilgamesh, o interesse histórico pelo mito bíblico adquiriu uma relevância ainda maior, uma vez que os paralelos entre as duas versões indicavam possíveis empréstimos culturais. Essa hipótese tem sido corroborada por uma série de novas evidências arqueológicas que não só atestam o empréstimo cultural, como também sugerem que o escriba do dilúvio bíblico frequentou a escola cuneiforme durante o Exílio Babilônico no século VI A.E.C., uma vez que ele demonstra ter tido acesso às diferentes versões das tradições babilônicas do dilúvio. Sua intenção ao reinterpretar essas tradições foi resistir à aculturação babilônica, através da escrita de uma pré-história monoteísta dos judaítas, enfatizando o caráter ético e monoteísta de Yahweh, frente a cosmovisão politeísta dos babilônios. Curiosamente, o dilúvio bíblico apresenta a mesma temática de todas as tradições presentes em Gênesis 1-11: a ideia de crime, castigo e perdão/mitigação. Em todas essas tradições, os homens aparecem pecando contra Yahweh, são punidos e em seguida, o castigo divino é mitigado ou perdoado. O contexto mais provável para essa percepção de que Yahweh castiga, mas também perdoa é a fase final do Exílio Babilônico, quando alguns judaítas começaram a nutrir esperanças de que Yahweh estaria enviando Ciro, o rei da Pérsia, para retirá-los de seu castigo exílico. Nesse sentido, a operação literária desse escriba bíblico foi uma forma de resistência à aculturação babilônica, ao reforçar a fé exclusiva em Yahweh e ao devolver aos exilados a esperança de retornarem a Jerusalém.

## **A MORTE NA LITERATURA MESOPOTÂMICA: APONTAMENTOS SOBRE O ÉPICO DE GILGAMESH**

**Luana Teixeira Barros**

Discente do curso de História – Uesb

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Galvão Carvalho

A criação de uma série de mitos e narrativas literárias foram a maneira pela qual as sociedades antigas e, de modo particular, a Mesopotâmia, encontraram de lidar com o problema da morte, amenizando a angústia causada pela ideia do não-mais-ser. Uma das mais belas composições da literatura mesopotâmica, o Épico de Gilgamesh, apresenta em suas versões uma reflexão sobre a vida entre os limites do existir e do não existir, na perspectiva de um homem que não queria morrer. A morte, nesse sentido, é o elemento primordial que conduz o leitor à mensagem final do épico, ou seja, à reflexão da efemeridade da vida, reforçando a concepção mesopotâmica de destino universal e inalterável da humanidade. O presente estudo tem como objetivo analisar a questão da morte enquanto um

problema recorrente na literatura babilônica e que se manifesta como tema central no Épico de Gilgamesh, em suas diversas transformações. Para isso, recorreremos a leitura de uma bibliografia específica, fichamentos e cruzamento de dados direcionados às temáticas que a pesquisa visa interpretar, entender e analisar. Ora inserido em um contexto cosmológico, ora na descrição de fatos verossímeis, a morte surge enquanto sinônimo daquilo que se é desconhecido. Em frustração, Gilgamesh se depara com o paradoxo do divino e do mortal: ainda que fosse 2/3 divino, sua parte mortal o deixa suscetível à limitação da vida. Apesar das variações entre as versões da história de Gilgamesh, a moral do épico não sofre transformações drásticas: é sempre a história de um herói, ora divinizado, ora humanizado, que parte numa jornada em busca da imortalidade ao ter sido tomado pelo medo de morrer. É importante destacar que a sociedade mesopotâmica é extremamente dinâmica, cuja narrativas e o próprio imaginário mudam de acordo com os contextos sócio-políticos. Contudo, é possível notar no Épico de Gilgamesh que o tema da morte atravessa as variadas temporalidades e períodos da elaboração dessa obra. O fato é que, mesmo se tratando do épico mais antigo da história, pelo que se conhece, “estamos, portanto, diante de um campo de conhecimento novo” (BRANDÃO, 2017, p. 16). Nesse sentido, consideramos que a busca pela imortalidade e o medo da morte surgem enquanto aspectos fundamentais na narrativa de Gilgamesh. É a “luta” contra a morte o elemento primordial que conduz o leitor à mensagem final do épico, ou seja, à reflexão sobre os limites do existir e a efemeridade da vida.

**Palavras-chave:** Morte; Mesopotâmia; Epopeia de Gilgamesh.

## O SÁBIO E AS ESTRELAS: UMA ANÁLISE DE ELEMENTOS DE ASTROLOGIA E ASTRONOMIA NA OBRA PICATRIX DE AFONSO X

**Vítor Silva de Lima**

Discente do curso de História – Uesb

Esta apresentação tem o objetivo de apresentar a pesquisa de monografia em andamento, em que se propõe a análise da tradução da obra *Picatrix*, realizada por Afonso X, o Sábio, monarca do reino de Castela e Leão. O rei se destaca muito justamente, não apenas pela circulação de seus conhecimentos, mas por uma fervorosa e intensa atividade que reuniu diversas obras e intelectuais de inúmeras áreas do conhecimento para sua corte. Dom Afonso, promoveu traduções e elaborações de textos de história, legislação, poesia, astronomia, astrologia, tal como o livro de magia e astrologia, *Picatrix*. Seu vasto *scriptorium* ganhou forma através do empenho de intelectuais, o permitindo ser intitulado e marcado na história com o epíteto de “o Sábio”. No presente estudo, será feita a análise das temáticas centrais do *Picatrix*, assim dizendo, a astronomia/astrologia, uma vez que os temas são fundamentais para se adentrar na fonte primária

(*Picatrix*). A astronomia/astrologia é considerada uma das mais antigas ciências, embora não se saiba de forma definitiva como e quando se iniciaram os estudos. As tradições clássicas babilônicas, romanas e gregas contribuíram para a formação e discussão acerca da astrologia no medievo. Além disso, o trabalho busca destacar como o cristianismo lidou com o tema. Em razão de, durante a Idade Média, a astrologia não ser bem vista pela Igreja católica, que logo a associava à heresia, alguns Padres da Igreja Romana se opuseram contra crenças supersticiosas, porém, por vezes, os mesmo que combatiam, aceitavam a ideia que os astros exerciam influência na vida das pessoas. Além de que, a própria distinção entre os termos astrologia/astronomia que, durante a Idade Média Central (XI-XIII) sofreu uma ruptura e características próprias. Essas discussões são fundamentais para a análise do *Picatrix*, uma vez que o material é dividido em quatro livros (partes) ou tratados, os quais explanam as influências mágicas entre o céu e a natureza, com aplicação de crenças, rituais ou ações com magia/feitiçaria, magia talismânica, numerologia, interpretação de calendário e astrológica, entre outras temáticas atípicas centradas também na figura do “sábio” em que teremos o conhecimento essencial da ordem do universo em uma perspectiva neoplatônica, pela qual o microcosmo (ser humano) tem presença no macrocosmo (universo), que se manifesta através do princípio neoplatônico de emanção. Assim, a apresentação pretende abordar e contextualizar estas problemáticas centrais e, através do uso das fontes, levantar o debate e a hipótese que rege a pesquisa.

**Palavras-chave:** Afonso X; *Picatrix*; Astrologia.

## UMA ANÁLISE DAS RELAÇÕES ENTRE RELIGIÃO E GUERRA ENTRE OS VIKINGS A PARTIR DA EDDA EM PROSA

**Heitor Limoeiro**

Discente do curso de História – Uesb

Esta comunicação visa apresentar projeto de pesquisa em andamento, cujo objetivo é fazer uma análise sobre como a religiosidade dos nórdicos durante o período da Era Viking (Escandinávia dos séculos VIII-XI) influenciava o desempenho dos guerreiros vikings dentro das suas batalhas. A fonte a ser utilizada neste trabalho será a Edda em Prosa, um compilado de poesias em prosa contando as diversas histórias sobre a mitologia nórdica, e também sobre o lugar mitológico chamado Valhalla, que, de acordo com a Edda, era o paraíso dos guerreiros vikings, onde só poderiam ir aqueles que morreram com a espada na mão. A Edda trata-se de um produto do século XIII, de autoria de Snorri Sturluson, mas seu conteúdo pode ser relacionado à mitologia escandinava que seria transmitida oralmente séculos antes. Será realizada uma introdução à Era

Viking, suas principais características e a divisão da sociedade da Escandinávia medieval. Veremos também como as guerras eram importantes para os nórdicos, sendo uma maneira de aumentar os territórios dos seus reinos e evoluir sua economia e, através disso, perceberemos como a cultura viking permeou-se de valores como honra, bravura e coragem como forma de sobreviver às suas campanhas militares que empreenderam na Europa durante esse período. Além disso, o trabalho também explicitará as principais técnicas de combate dos vikings, suas organizações militares e suas navegações marítimas, pelas quais se tornaram conhecidos. Também se abordará sobre o lado religioso e mitológico, explicando os conceitos e descrições de Valhalla, o paraíso dos guerreiros vikings, e Odin, principal divindade nórdica e o senhor de Valhalla. Com isso, serão apontadas as principais ligações religiosas nórdicas com os vikings em suas batalhas. Estas discussões serão importantes para a compreensão dos guerreiros vikings nas suas batalhas, como o elemento religioso esteve presente na prática militar. Para o estudo sobre Valhalla e Odin, a Edda em Prosa de Snorri Sturluson será uma fonte indispensável, enquanto os assuntos ritualísticos, sociais e militares serão abordados a partir de trabalhos de pesquisadores e historiadores especialistas, brasileiros e estrangeiros, nos estudos vikings.

## **ORDENAMIENTO DE ALCALÁ: UMA PROPOSTA DE TRANSCRIÇÃO**

**Laryssa Santana Viana Souza**

Discente do curso de História – Uesb

Esta comunicação visa apresentar o estado atual da pesquisa desenvolvida para a monografia intitulada “Ordenamiento De Alcalá: Uma Proposta De Transcrição” que tem por objetivo propor a transcrição paleográfica e a análise do manuscrito do século XIV, o “Ordenamiento de Alcalá”. Pretende-se analisar suas características e aspectos paleográficos, bem como uma análise histórica do contexto no qual o manuscrito foi produzido. O Ordenamiento de Alcalá é um estatuto jurídico considerado como um elemento fundamental na evolução do direito espanhol, promulgado nas cortes de Alcalá de Henares durante o reinado de Alfonso XI. Datado de 1386, a cópia trabalhada foi escrita em espanhol arcaico, por se tratar de um código de leis o texto foi grafado em Gótica Libraria, com o predomínio de ângulos sobre as curvas, característica comum entre os documentos oficiais daquela época. O manuscrito conta com 71 fólios incluindo capa, contra capa, o suporte material da escrita é o pergaminho, o layout das páginas está dividido em duas colunas por fólio, de extrema beleza, cada título é encabeçado por uma Capital Inicial decorada, os títulos e epígrafes em vermelho, as outras capitais em azul e vermelho, com decoração a dedilhar. As suposições iniciais indicam que o documento foi escrito por três mãos diferentes, segundo

Faulhaber, o códice foi copiado e iluminado por Nicolás González, escriba de Pedro I de Castela. No total, o documento conta com 32 leis, em nome do direito, da justiça e igualdade com o intuito de ser publicadas nas cortes de Alcalá. A pesquisa em questão vem sendo desenvolvida no âmbito da paleografia e permite mais que a mera leitura e transcrição de um documento antigo, ela nos possibilita analisar aspectos da sociedade, da cultura e a época na qual o documento foi produzido, além de ser indispensável a todos os que trabalham com fontes manuscritas, situar a obra no tempo e espaço.

**Palavras-Chave:** Ordenamiento; Paleografia; Alfonso XI.